

Revista da

FACED

Universidade Federal da Bahia



9

ISSN 1516-2907

A Constituição do Sujeito de Linguagem: entre “Eu” e o “Outro

RESUMO: Este artigo apresenta uma discussão acerca da constituição do sujeito de linguagem, numa perspectiva bakhtiniana. Fundada no princípio do dialogismo, esta reflexão não poderia deixar de priorizar uma característica que lhe é fundamental: a heterogeneidade, uma vez que esta liga de maneira constitutiva o “Eu” do discurso com o seu “Outro”, introduzindo o conceito de alteridade que é vista neste trabalho como um movimento discursivo entre sujeitos que se mobilizam e se formam na/pela linguagem. Assim, Bakhtin leva a uma redefinição do sujeito situando-o como o lugar de uma constante dispersão e aglutinação de vozes, socialmente situadas e ideologicamente marcadas.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; Alteridade; Dialogismo; Polifonia

**Jane Adriana Vasconcelos
Pacheco Rios**

Doutoranda em Educação
FACED/UFBA
Professora da Universidade do
Estado da Bahia – UNEB
jhanrios@msn.com

*“Tudo se reduz ao diálogo,
à contraposição enquanto centro.
Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz
nada termina, nada resolve. Duas vozes
são o mínimo de vida.”
(Mikhail Bakhtin)*

A linguagem se constitui no eixo de tudo. Porque é pela linguagem que nos expressamos em nossas interações sociais, construimos nossas significações, nossos discursos – nossas representações, ou seja, a linguagem é condição essencial de constituição do sujeito. O sujeito se dá na e pela linguagem. De acordo com Bakhtin (1990), o sujeito se constitui como tal à medida que interage com os outros, suas produções discursivas resultam deste mesmo processo no qual o sujeito internaliza a linguagem e constitui-se como ser social. Isto implica que não há um sujeito pronto, que entra em interação, mas um sujeito se completando e se construindo nas suas falas e nas falas dos outros.

Dentro destes espaços discursivos em que a linguagem emerge, questionamos: Que sujeito é este que postula o outro e expressa uma relação com o mundo, via linguagem, como ser histórico

e social? Na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, a concepção de sujeito não é o sujeito em si, individualizado, mas aquele que existe socialmente, interperlado pela ideologia. Dessa forma, o sujeito não é a origem, a fonte de sentido, porque na sua fala outras falas estão postas, outros sentidos estão ali dialogando. O sujeito do discurso não é mais do que uma posição social, predefinida pela estrutura da sociedade, que se define nas formações discursivas, estabelecidos os limites entre o dizível e o indizível, segundo as ideologias que surgem do lugar social de que falam. Para Orlandi (1987), ao produzir a linguagem, o sujeito também se encontra nela reproduzido e, desse modo, acredita ser a única fonte de seu discurso, quando na realidade o que ele faz é retomar sentidos já preexistentes.

Em Bakhtin, o sujeito é visto no âmbito de uma arquitetônica em que os diferentes elementos que o constituem em sua fluida e situada identidade estão em permanente tensão, em constante articulação dialógica, sendo este um agente responsável por seus atos, constituído pelo outro e constituinte do outro. Desse modo, a complexidade do pensamento bakhtiniano configura uma filosofia que, tendo como elemento articulador a linguagem, concebe o eu e o outro como inseparavelmente ligado, sendo habitados e habitantes de inúmeras vozes. Nesta perspectiva, alguns postulados são estabelecidos sobre a constituição do sujeito, marcado por traços discursivos que o constituem como um ser de linguagem, como uma construção híbrida, entre eles: o dialogismo, a polifonia, discurso, enunciação, autoria etc.

Na concepção de linguagem de Bakhtin, o dialogismo é uma das categorias essenciais do seu pensamento constituindo-se, através de uma reflexão multiforme, semiótica, filosófica, lingüística e literária, em uma teoria interna do discurso. Dialogismo torna-se o conceito que circunscreve todo o seu trabalho. É tido como o princípio constitutivo da linguagem, isto é, a linguagem, eminentemente, está impregnada de relações dialógicas, considerando o dialogismo como a condição do sentido do discurso. O diálogo revela-se uma forma de ligação entre a linguagem e a vida, permitindo que a palavra seja o próprio espaço no qual se confrontam os valores sociais contraditórios. De acordo com Brait (1997, p.92), conceber a linguagem fora desta ótica representa para Bakhtin apagar esta ligação vital, uma vez que:

O conceito de linguagem que emana dos trabalhos desse pensador russo está comprometido não com uma tendência lingüística ou uma teoria literária, mas como uma visão de mundo que, justamente na busca das formas de construção e instauração do sentido resvala pela abordagem lingüística/discursiva, pela teoria da literatura, pela filosofia, pela teologia, por uma semiótica da cultura, por um conjunto de dimensões entretecidas e ainda não inteiramente decifradas.

Mais do que ver a linguagem como uma capacidade humana de construir sistemas simbólicos, concebe-se a linguagem como uma atividade constitutiva, cujo locus de realização é a interação verbal. Por isso, a aquisição de linguagem, como salienta Bakhtin (1990), dando-se pela internalização da palavra alheia é também a inserção de uma compreensão de mundo. As palavras alheias vão perdendo suas origens, tornando-se palavras próprias que utilizamos para construir a compreensão de cada nova palavra, e assim ininterruptamente. É nesse sentido que a linguagem é uma atividade constitutiva: é pelo processo de internalização do que nos era exterior que nos constituímos como os sujeitos que somos, e, com as palavras de que dispomos, trabalhamos na construção de novas palavras. Por isso, a língua não é um sistema fechado, pronto, acabado, de que poderíamos nos apropriar. No próprio ato de falarmos, de nos comunicarmos com os outros, pela forma como o fazemos estamos participando do processo de constituição de sujeitos.

Conceber a linguagem sob este prisma é também situá-la como espaço de constituição de relações sociais onde os falantes se tornam sujeitos e, através dela, esse sujeito que fala pratica ações que não conseguiria praticar a não ser falando. Ela implica numa postura diferenciada sobre a linguagem, situando-a como o lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes, conseqüentemente, o sujeito se constitui nos processos interativos através dos signos que circulam nas interações, não só verbais, de que participa.

Para Bakhtin (1990), é no fluxo da interação verbal que a palavra se transforma e ganha diferentes significados, de acordo com o contexto em que surge; sua realização como signo ideológico está no próprio caráter dinâmico da realidade dialógica das interações sociais, sendo a palavra uma arena onde se confrontam os valores sociais contraditórios, os conflitos da língua refletem os

conflitos da classe no interior de um mesmo sistema. Esses conflitos dinamizam o processo de transformação social, o qual irá refletir-se irremediavelmente na evolução semântica da língua, buscando um elo dinamizador das transformações sociais que passa, necessariamente, por situar a linguagem, na sua acepção dialógica, como catalisadora dessa mediação. Buscando situar o diálogo no amplo conjunto de textos que constitui a estrutura simbólica-ideológica de uma cultura, Bakhtin (1990, p.41) ressalta sua preocupação com o contexto ideológico e a forma como este exerce uma influência constante sobre a consciência individual e vice-versa.

(...) as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações de caráter sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma qualidade ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as frases transitórias, mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais.

O conceito de interação é constitutivo dos sujeitos e da própria linguagem. A palavra é ideológica, ou seja, a enunciação é ideológica. É no fluxo da interação verbal que a palavra se concretiza como signo ideológico que se transforma e ganha diferentes significados, de acordo com o contexto em que ela surge. Cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso que funciona como um espelho que reflete e refrata o cotidiano. A palavra é a revelação de um espaço no qual os valores fundamentais de uma dada sociedade se explicitam e se confrontam.

Levando em conta a natureza dialógica da palavra, é possível dizer que, do ponto de vista bakhtiniano, palavra é indissociável do discurso. Mas palavra é também história, é ideologia, é luta social, já que ela é a síntese das práticas discursivas historicamente construídas, passando a ser encarada como um elemento concreto da ideologia. A palavra é produto ideológico vivo, funcionando em qualquer situação social, tornando-se signo ideológico porque acumula as entoações do diálogo vivo dos interlocutores com os valores sociais, concentrando em seu bojo

as lentas modificações ocorridas na base da sociedade e, ao mesmo tempo, pressionando uma mudança nas estruturas sociais estabelecidas. Conforme Barros (2003, p.8):

(...) Sabe-se que uma única língua produz discursos ideologicamente opostos, pois classes sociais diferentes utilizam um mesmo sistema lingüístico. Nesse caso, deve-se reconhecer que os traços impressos na língua, a partir do uso discursivo criam em seu interior choques e contradições que fazem Bakhtin afirmar que em todo signo se confrontam índices de valor contraditório (...) Caracterizada dessa forma, a língua não é neutra e sim complexa, pois tem o poder de instalar uma dialética interna, em que se atraem e, ao mesmo tempo, se rejeitam elementos julgados inconciliáveis.

Observa-se que o processo da interação verbal social não é neutro, por isso ele não acontece de forma totalmente simétrica entre os interlocutores, pois é através da linguagem que existem a divergência, a materialização discursiva das lutas de classes, da disputa de poder, percebe-se as marcas de pertencimento aos diferentes grupos, a explicitação de preconceitos, a defesa de ideais de correntes ideológicas distintas, demarcando os sujeitos como pertencentes ao grupo dos defensores de tal ideologia, ou de seus opositores. Nota-se ainda que, na interação verbal, a língua não é tida como algo pronto, e sim que ambos, sujeitos e língua, são modificados através do trabalho lingüístico, pois, ao tempo em que os sujeitos se constituem na linguagem, esta, por sua vez, é constituída pelos sujeitos na interação verbal.

O dialogismo de Bakhtin se fundamenta na negação da possibilidade de conhecer o sujeito fora do discurso que ele produz, já que só pode ser apreendido como uma propriedade das muitas vozes que ele enuncia, sendo o caráter dialógico da linguagem fundamental no processo de constituição do sujeito, assim, o sujeito bakhtiniano é dialógico e seu conhecimento é fundamentado no discurso que ele produz. Essa noção de sujeito implica, nestes termos, pensar o contexto complexo em que se age, implica considerar o princípio dialógico, assim como, os elementos sociais, históricos etc. que formam o contexto mais amplo do agir, sempre interativo. Afinal, para Bakhtin o sujeito não se constitui apenas pela ação discursiva, mas todas as atividades humanas oferecem espaços de encontros de constituição da subjetividade, pela constituição de sentidos. Dentro destas discussões, o

autor assegura a idéia que a língua e o sujeito se formam nos processos interativos, tendo a enunciação uma natureza social e que para compreendê-la é necessário saber que esta também só ocorre na interação.

Esta concepção de Bakhtin encontra-se intimamente ligada com a sua compreensão de como o sujeito de linguagem é constituído, sendo este formado a partir das palavras que ouve e assimila, o que faz com que o discurso do sujeito seja sempre uma mistura, no qual suas palavras e as palavras do outro se sobrepõem gerando um limite invisível entre ambas. De acordo com Faraco (1988, p.24), uma das formas de expressar esse dialogismo em Bakhtin é que ele aborda o dito dentro do universo do já-dito; dentro do fluxo histórico da comunicação; como réplica ainda não dita, todavia solícita e já prevista, concebendo assim a linguagem como uma produção coletiva, integrante de um diálogo cumulativo entre o eu e o outro, entre muitos “eus” e muitos “outros”.

O sujeito, em Bakhtin, marca sua originalidade epistemológica por meio de um duplo deslocamento: um que ancora a consciência na palavra e outro que ancora o sujeito na comunidade. Para Bakhtin, é inconcebível pensar o ser humano independente das relações que o ligam ao outro:

(...) não tomo consciência de mim mesmo senão através dos outros, é deles que eu recebo as palavras, as formas, a tonalidade que formam a primeira imagem de mim mesmo. Só me torno consciente de mim mesmo, revelando-me para o outro, através do outro e com a ajuda do outro. (Bakhtin apud Todorov, 1981, p.148)

O outro do sujeito para Bakhtin é então fundamentalmente um “nós”, ou seja, a pessoa na qual podem desaparecer todos os outros, o “eu” inclusive. Se considerarmos então essa persistência do “nós” no sujeito bakhtiniano, observamos que no fundo o que dialogiza não é tanto a co-existência de uma pluralidade de lugares distintos do enunciador em seu discurso, mas sua divisão por um sujeito coletivo único, o “nós” de todos os homens no “eu” que fala, presente nas ações, reações e interações desse sujeito de linguagem que se forma nos processos discursivos produzidos pela interação verbal.

A interação constitui assim uma categoria que rompe com a concepção de sujeito centrada na polaridade do eu e do outro,

sendo o espaço discursivo o centro da relação, isto é, o sujeito só constrói sua identidade na relação com o outro, no movimento entre identidade e alteridade. A interação se localiza na relação social que é o centro de tudo, circunscrita na linguagem.

Nesta perspectiva, o autor coloca em discussão a unicidade do sujeito falante focalizada pelo subjetivismo idealista representado pelo pensamento de Humboldt, abalando também a concepção clássica do sujeito cartesiano, concebido a partir de uma identidade permanente. Assim como, critica o objetivismo abstrato proposto por Saussure ao desvincular língua de sua esfera real e, conseqüentemente, o sujeito de linguagem de suas produções discursivas, atribuindo um sujeito da fala independente das constrictões da língua. Conforme Bakhtin (1992, p.34), o sujeito é sujeito, não é coisa e, não pode ser percebido e estudado a título de coisa, como sujeito o conhecimento que ele tem dele só pode ser dialógico. Procurando superar estas construções teóricas acima expostas, o autor afirma:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua. (Bakhtin, 1990, p.123)

Essa visão da linguagem constituída pelo fenômeno social da interação verbal, em que o outro desempenha um papel essencial na formação do significado, revela as relações entre o lingüístico e o social. Geraldi (1996, p.16), tomado pelas concepções bakhtinianas, afirma que a linguagem não é trabalho de artesão, mas trabalho social e histórico seu, dos outros, para os outros e com os outros que ela se constitui.

Dentro desta construção dialógica da linguagem, ao designar o caráter do que é o "outro", a noção de alteridade é sempre colocada em contraponto. Ao lado da perspectiva, que tende a ver o outro na sua exclusiva alteridade, a perspectiva dialógica da linguagem problematiza seu lugar ao encarar o outro enquanto constitutivo do sujeito e da vida social. A alteridade é formulada como um elemento inerente à linguagem humana e um dos mais importantes traços distintivos em relação à comunicação animal.

Não há linguagem sem que haja o outro a quem eu falo e que é ele próprio falante/respondente; também não há linguagem sem a possibilidade de falar do que um outro disse.

Conforme Bakhtin (1992, p. 35-36), a alteridade define o ser humano, pois o outro é imprescindível para sua concepção: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro. Na concepção do autor, o outro é ainda o outro discurso ou os outros discursos que atravessam a fala numa relação interdiscursiva em que o mundo semiótico do sujeito é construído com os outros. O nascimento e a seqüência da vida estão marcados por aquilo que somente o outro sabe, vê e conhece do mundo do sujeito.

Desse modo, a idéia de que as práticas discursivas dos sujeitos de linguagem são produzidas a partir do outro, do discurso do outro, o “já-dito” sobre o qual qualquer discurso se constrói, significa que este não opera sobre a realidade das coisas, mas sobre os outros discursos. Todos são, portanto, atravessados pelo discurso do outro. Por isso, a fala é fundamentalmente heterogênea. A palavra do outro é condição de constituição de qualquer discurso. Assim, o conceito de heterogeneidade refere-se aqui a toda forma de alteridade no discurso, toda forma que altera a imagem de um discurso. Dentro desta heterogeneidade, o discurso é produzido por um sujeito cindido por várias perspectivas que assume num determinado contexto, marcado também pela cisão, pela plurivalência e pela pluripresença da palavra.

Um dos eixos do pensamento bakhtiniano está justamente na busca das formas e dos graus de representação da heterogeneidade constitutiva da linguagem. Há dentre os estudos uma preocupação com a dimensão histórico-ideológica e a conseqüente constituição signica das ideologias, a partir das relações estabelecidas com o outro. Essa ênfase no outro introduz necessariamente o conceito de ideologia, deslocando o conceito de sujeito. Este perde o seu centro e passa a se caracterizar por um discurso heterogêneo que incorpora e assume diferentes vozes sociais. Com efeito, é impossível uma formação individual sem alteridade, pois o outro delimita e constrói o espaço de atuação do sujeito no mundo. No entanto, o outro constitui o sujeito ideologicamente e proporciona-lhe o acabamento. A lógica da alteridade opondo-se à lógica da identidade, as relações de poder que influenciam o momento dialógico, tendo-se em conta as funções sociais que os sujeitos ocupam institucionalmente e as rela-

ções que mantêm entre si, vão contribuir para que a assimetria esteja presente na interação verbal, pois a linguagem constitui-se o campo do embate ideológico constante.

Dentro destas construções ideológicas produzidas pela linguagem, Bakhtin (1990) critica o conceito metafísico de ideologia e insere um conceito semiótico, colocando-o dentro do processo real de comunicação verbal, concebendo sua materialidade a partir de sua função sígnea, pois o signo ideológico não se situa acima dos conflitos sociais que representa, mas é veículo desses conflitos. Ao mesmo tempo em que a ideologia não pode ser divorciada do signo, este “vive” dentro das formas concretas de intercâmbio social. Isso equivale a dizer, mais uma vez, que os atos de fala de toda espécie e as diferentes formas de enunciação, não estão dissociados da base material. Não se podem conceber relações de produção, ou estrutura política e social, sem contatos verbais que os constituam.

A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis desta realidade são as leis da comunicação semiótica e são diretamente determinadas pelo conjunto das leis sociais e econômicas. A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos. (Bakhtin, 1992, p.36)

O signo verbal não pode ter um único sentido, mas possui acentos ideológicos que seguem tendências diferentes, pois nunca consegue eliminar totalmente outras correntes ideológicas de dentro de si. Vozes diversas ecoam nos signos e neles coexistem contradições ideológico-sociais entre o passado e o presente, entre as várias épocas do passado, entre os vários grupos do presente, entre os futuros possíveis e contraditórios.

Assim, será através do movimento dialético do signo verbal, materializado na forma de palavra presente na relação social entre “eu” e o “outro” que se realizará a interação verbal bem como a constituição dos sujeitos, das consciências e dos sentidos, dentro desta construção socioideológica bakhtiniana. Por isso, diz Bakhtin (1992, p.31) que o signo tem um duplo papel de refletir e refratar uma dada realidade. Ao mesmo tempo em que reflete um momento singular do acontecimento da comunicação, ele refrata uma outra realidade mais distante, no nível das ideologias constituídas.

De acordo com Montello (2005, p. 168), Bakhtin e seus companheiros do Círculo não trabalham a questão da ideologia como algo pronto e já dado, ou vivendo apenas na consciência individual do homem, mas inserem essa questão no conjunto de todas as outras discussões filosóficas, que eles tratam de forma concreta e dialética, como a questão da constituição dos signos, ou a questão da constituição do sujeito. Definindo ideologia como “um conjunto dos reflexos das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou outras formas signícas” (Voloshinov, 1930), se poderia caracterizar ideologia na perspectiva bakhtiniana como a expressão, a organização e a regulação das relações histórico-materiais do homem que se corporificam através dos diversos signos e que habitam o sujeito na polifonia das diversas vozes que compõem os espaços sociais.

De acordo com Jobim e Sousa (1994), na perspectiva bakhtiniana, o mundo em que vivemos fala de diversas maneiras e essas vozes formam o cenário onde contracenam a ambigüidade e a contradição. Bakhtin quer perceber a unidade do mundo no particular, no efêmero, ou seja, na totalidade, o universo está presente nas múltiplas vozes que participam do diálogo da vida. Somente a tensão entre as múltiplas vozes que participam do diálogo da vida pode dar conta da integridade de uma complexidade do real.

Assim, as construções polifônicas do sujeito de linguagem são características essenciais do dialogismo, constituindo também como marcas fundamentais da alteridade, sendo que a voz discursiva, fundante de todo texto, permite examinar a presença de um outro discurso no interior do discurso. Neste sentido, o conceito de dialogismo se sustenta na noção de vozes que se enfrentam em um mesmo enunciado e que representam os diferentes elementos históricos, sociais e lingüísticos que atravessam a enunciação. Assim, as vozes são sempre vozes sociais que manifestam as consciências valorativas que reagem a, isto é, que compreendem ativamente os enunciados. Segundo Dahlet (1997, p.264),

O sentido de voz em Bakhtin é mais de ordem metafórica, porque não se trata concretamente de emissão vocal sonora, mas da memória semântico-social depositada na palavra. Além disso, é interessante notar essa atividade terminológica que ver esse objeto-palavra do qual nem a semântica sincrônica ou diacrônica, nem a dupla conotação/denotação,

nem a sociolinguística dariam conta. Assim sendo, o pensamento de Bakhtin está imerso no universo acústico, saturado de vozes, em uma relação dialógica concordante ou discordante.

Dentro destas discussões da multiplicidade de vozes que povoam as produções discursivas do sujeito de linguagem, surge uma outra (des)construção teórica do Bakhtin – a questão da autoria, sendo um tema essencial para fundamentar sua compreensão sobre a linguagem. Nesta perspectiva, o dialogismo bakhtiniano desenvolve uma reflexão sobre a compreensão do papel do outro, não apenas na interação verbal, mas também na comunicação estética. No que se refere à autoria das produções linguísticas na vida cotidiana, Bakhtin admite que a palavra não pertence ao falante unicamente. É certo que o autor (aquele que fala) tem seus direitos inalienáveis em relação à palavra, mas o ouvinte também está presente de algum modo, assim como todas as vozes que antecederam aquele ato de fala ressoam na palavra do autor. Neste aspecto, coloca em discussão o lugar do autor, afirmando que tudo o que é dito está situado fora do falante e não pertence somente a ele. Nenhum falante é o primeiro a falar sobre um determinado assunto. Para Bakhtin, não existe palavra linguisticamente virgem, indiferente ao processo dialógico, pois:

Somente o Adão mítico desbravou com seu primeiro discurso, um mundo ainda verbalmente não-dito e pode evitar totalmente a relação dialógica com vistas ao discurso do outro. Isto jamais aconteceu com o discurso heróico, que não pode se estruturar de um único ponto. (Bakhtin, 1990, p.102)

O autor é o sujeito que, tendo o domínio de certos mecanismos discursivos, representa, pela linguagem, esse papel na ordem em que está inscrito, na posição em que se constitui, assumindo a responsabilidade pelo que diz, como diz etc. A assunção da autoria implica uma inserção do sujeito na cultura, uma posição dele no contexto histórico-social. Aprender a se representar como autor é assumir, diante das instâncias institucionais, esse papel social na sua relação com a linguagem: constituir-se e mostrar-se autor. (Orlandi, 1988).

Segundo Bezerra (2005, p.194), o que caracteriza a polifonia é a posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Mas esse regente é dotado de

um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro “eu para si” infinito e inacabável. Trata-se de uma mudança radical da posição do autor em relação às pessoas representadas, que de pessoas coisificadas se transformam em individualidades.

A polifonia se define pela convivência e pela interação, em um mesmo espaço, de uma multiplicidade de vozes e consciências independentes, sendo todas representantes de um determinado universo e marcadas pelas peculiaridades desse universo. Essas vozes e consciências não são objetos do discurso do autor, são sujeitos de seus próprios discursos.

Assim, a perspectiva monológica da questão da autoria, enquanto produção de um discurso isolado/solitário é desconstruída em Bakhtin, encontrando eco também nas discussões foucaultianas, uma vez que o conceito de autoria é visto como uma noção discursiva, revestida por traços históricos variáveis, desfazendo-se assim a noção de autor e propondo a de “fundador de discursividade”, considerando todo aquele cuja obra permite a possibilidade e a regra de produção de outros textos.

Ao discutir a autoria e o caráter dialógico e polifônico da linguagem, Bakhtin entende que as diferentes vozes produzidas pelos sujeitos de linguagem não são etapas em devir; elas coexistem e interagem, estabelecendo uma perspectiva diferente da dialética hegeliana, uma vez que esta esvazia o diálogo, sistematizando e dando uma forma acabada ao diálogo, assim evidencia-se uma maneira monológica de pensar a realidade; esta evidentemente, contrapõe-se à realidade polifônica que constituem as produções discursivas. O autor afirma que:

Diálogo e dialética. Tome o diálogo e remova as vozes (separação entre as vozes), elimine as entonações (emocionais e pessoais), e das palavras vivas das réplicas se extraem noções de julgamentos abstratos, introduza tudo na consciência abstrata. O resultado é a dialética. (Bakhtin, 1970, p.370)

Assim, compreendendo a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação, Bakhtin critica a dialética monológica de Hegel, na qual percebe uma sistemática mecânica de oposições que priva o diálogo de sua condição essencial e propõe uma dialética que, nascendo do diálogo, nele se prolonga, colocando pessoas e textos num permanente processo

dialógico. Seu pensamento, sempre aberto, resiste à idéia de acabamento e perfeição, e sem colocar um ponto final, não dizendo a última palavra, vai replicando criticamente posições discordantes, recriando um novo texto no diálogo com elas.

Conforme este pensamento bakhtiniano, as relações dialógicas são muito particulares e não podem ser reduzidas às relações que se estabelecem entre as réplicas de um diálogo real; são, por assim dizer, muito mais amplas, heterogêneas e complexas. Portanto, as relações dialógicas são relações de sentido, quer seja entre os enunciados de um diálogo real e específico, quer seja no âmbito mais amplo do discurso das idéias criadas por vários autores ao longo do tempo e em espaços distintos. E aí, dialógico e dialético aproximam-se, ainda que não possam ser confundidos, uma vez que Bakhtin vai falar do eu que se realiza no nós, insistindo não na síntese, mas no caráter polifônico dessa relação exibida pela linguagem.

A partir destas reflexões, observamos que Mikail Bakhtin e seu Círculo trouxeram contribuições extremamente relevantes para refletirmos sobre a produção de sentido nos espaços discursivos sociais e que, dentro de um contexto em que as circunstâncias monológicas eclodem e regem a cultura ideológica dos tempos modernos, o dialogismo, a polifonia e a autoria são conceitos que transformam significativamente a compreensão sobre a constituição do sujeito de linguagem e, conseqüentemente, sobre a produção do conhecimento. Sendo o monologismo algo concluído e surdo à resposta do outro e constituindo hoje uma visão de mundo difundida por toda a parte, passar de uma concepção monológica do mundo para uma outra de caráter dialógico é ampliar substancialmente as múltiplas perspectivas de formação do indivíduo, possibilitando a abertura aos discursos trazidos pelas diversas vozes que ecoam na constituição do ser.

ABSTRACT: This article presents a dialogue about a language subject constitution in Bakhtin's perspective. The reflection is based in dialogism's principle and the main characteristic is the heterogeneity. This heterogeneity links the manner constitutive of the individuality "I" as a subject of the speech with the own "Other" continuing as a individuality in the speech. This work introduces the alterity as a conception, and this conception have been showed as a speech movement between individualities that are performing and that are building in the language and by the language. However, Bakhtin

shows a redefinition of the subject. He is putting this subject in a position of action in constant dispersion and agglutination of many different voices, but these different voices are social and ideological fixed and situated in a context.

KEY WORDS: Language; Alterity; Dialogism; Polyphony.

Referências

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov, 1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. **Estética da criação verbal**. Trad. de Maria Ermantina Galvão Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. De los apuntes de 1970-1971. IN: JOBIM e SOUZA, Solange. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas: Papyrus, 1994.

BARROS, Diana Luz Pessoa de & FIORIN, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: EDUSP, 2003.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: UNICAMP, 1997.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2ed. Campinas: UNICAMP, 2004.

DAHLET, Veronique. A entonação no discurso bakhtiniano. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

FARACO, Carlos Alberto(org.). **Uma introdução à Bakhtin**. Curitiba: Hucitec, 1988.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Vygotsky e Bakhtin – Psicologia e educação: um intertexto**. São Paulo: Ática, 1994.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

MONTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Pontes, 1987.

_____. **Sujeito e texto.** São Paulo: EDUC, 1988.

TODOROV, T. Mikhail Bakhtin. Le prince dialogique. In: BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso.** 2ed. Campinas: UNICAMP, 2004.

VOLOSHINOV, V. N. Que é linguagem. In: PONZIO, A. L. **La revolución bajtiniana: el pensamiento de Bajtin y la ideología contemporánea.** Madrid: Cátedra, 1998.